: : DIRECÇÃO : :
:: :: :: :: DE :: :: :: ::
HENRIQUE DE RESENDE
MARTINS MENDES
:: :: :: :: E :: :: :: ::
ROSARIO FUSCO

VERDE

REVISTA MENSAL DE ARTE E CULTURA

NUMERO . 3
ANNO . . . 1

:: :: REDACÇÃO :: ::
:: :: :: E :: :: ::
ADMINISTRAÇÃO
RUA CEL. VIEIRA, 53
CATAGUAZES -- MINAS

NUMERO — 1$000 ASSIGNATURA — 11$000

VERDE

ANNO 1 | CATAGUAZES — NOVEMBRO 1927 | NUMERO 3

OXYCYANURETO DE MERCURIO

Parecia botequim de bafon londrino fabricado nos estudios da Paramount. Parecia um pouquinho. Quasi nada. Postado num canto um homem de boné exhibia, na fachada tôrva, immensa raiva concentrada. Uma resolução perfeitamente cinemática de quem quer matar ou morrer. Mas não era cinema não. Porem verdade. A orchestra chegava de fóra, pelo cano do corredor, valsando mollenga ou foxtrotando espertinha ou maxixando cotuba. Tinha vozes, gluglús, gudes, grunhidos, até gritos de vez em quando, sonoridades escorregando no tecto gorduroso. Ondas longas de sons se quebravam contra ondas de fumos e cheiros rúins. O garçon servia o décimo duplo pro homem de cara carregada.

—O senhor bebe um pedaço.

—Bebo chôpe e cerveja e cachaça e tudo. Beber um pedaço é burrice. Não diz nada (1).

Adolescente franzino o garçon exagerou a pallidez soffredora e afastou-se castellando vinganças impossiveis. O homem bruto era um bruto homem. Se collocara no seu canto magneticamente contra os outros bebedores. Os outros eram um boche com duas bochas lourissimas, trez silencios prá ingestão mais gostada dos chôpes. Caixeiros, funccionários públicos, operarios, desvios, humanidade. Tinha dois rapazes na mesa próxima do homem terrivel que não tirava os olhos delles. Nem os ouvidos. Neste momento chegou o terceiro rapaz coitado. Parou na porta olhando.

—Amancio velho!

—Olá!

Veio. Teve um abraço entre elle que chegara e o rapaz que o tinha chamado festivo. E foi apresentado pro outro.

—O Amancio é um camaradão.

—Exagêro. Um creado de você.

—Creado qual o que. Manda elle fazer alguma coisa pra ver si obedece.

Era o visinho, o homem terrivel, que se intromettera na conversa. E não sorria não. Os trez se interrogaram baixinho:

—Quem é?

—Sei não.

—Nunca vi elle. Um besta qualquer.

Houve um silencio cacête. Mas o Amancio trazia nos olhos, na bocca nos 20 annos uma inquieta elegria de viver. Comtudo lívido e gordo e a gordura dando impressão de flácida na lividez doentia. E agora falava falava:

—Pois é isso, meninos. A gente ganha um baita amor prá vida depois que enxerga a morte pertinho. Vou contar pra vocês como foi. Como me curei.

—Curou-se nada. A sua cara é de doença. Não engane-se.

O homem rispido e intratavel se interpunha novamente. O falador enguliu secco a repentina amargura. Calou-se uns minutos de olhos até meio molhados. Depois murmurou pros companheiros:

—Si elle continuar, eu reajo.

—Não vale a pena.

—Teve uma outra mudez paulificante. Os allemãs depois do quinto chôpe disseram trez palavras. Deviam ser trez palavras. A loura mais moça, mocinha, tinha a bocca em forma de beijo. Minto, em forma de desejo. Tirava uma linhas internacionaes com o caixeiro mais próximo, elegante moreno. Dominando os outros ruidos começou hesitou e cresceu um ronco. Um sujeito de fraque dormia sobre o copo servindo de travesseiro. Aliás travesseiro mais do que incommodo.

—Quem é aquelle sujeito, hein?

—Sei não.

—Eu sei. E' um talento. Um talento desperdiçado coitado.

—Ah.

—Que talento que nada! Basta um sujeito qualquer ser paudagua pra virar talento. Ora essa.

O homem terrivel interrompera ainda a conversa delles. Decididamente não podiam continuar. Não poderiam.

—Vamos dar o fóra?

—Absolutamente. Dar mostras de medo... Vamos ficar.

Amancio falou e olhou nos olhos longamente o homem terrivel, desafiando. O homem pareceu não reparar no desafio delle e tirou do bolso o papel fuchicado. Amancio continuou:

—Vou contar como me curei. COMO ME CUREI. O Chico aqui sabe como é que eu estava, magro, anciado, dores no estomago, pernas bambas. Um caco. Fui consultar um médico. Soffri um exame prolongado paulificante. Depois ainda foi preciso raio xiz. E quando afinal de contas elle disse que era, tinha quasi certeza, uma úlcera syphilítica no estômago, vi a morte pertinho de mim. —E' a morte certa, não é, doutor? — Não. Um tratamento intenso e methódico pode talvez cural-o.

Elle se animou na narrativa. Talvez. Principiou o tratamento. Injecções intramusculares de cyanureto de mercurio combinadas com endovenosas de neosalvarsan, isto é, 914. Fastio e diéta. Magreza e tristeza. E a vida linda linda. O sol vinha sempre pintar de branco luminoso as parêdes brancas do quarto. O carroceiro passava sempre na rua entoando cebôlas com frangos. O piano da frente sonorizava sempre o crepusculo com um tango sentimental. Sempre. Entretanto elle magreza tristeza. A morte cada vez mais perto. Mais. O homem terrivel guardara de novo o papel fuchicado mais nem estava ali. Erminia...

Desanimara então, pois melhor morrer duma vez do que aos boccados, não era? A idéa engenhosa veio por acaso lendo no jornal a morte de uma moça, em que um estudante de medicina injectara enganadamente oxycyanureto de mercurio. Nem ninguem saberia que elle morrera porque tinha querido não. Collocou entre as ampôlas de mercurio curativo—curativo!—o mercurio mortal. Cyanureto. Oxycyanureto. A coisa lhe dera trabalho, isso lhe dera. Cortou a pontinha da ampôla do remedio, esvasiou-a, encheu outra vez ella com o veneno, fechou a pontinha na chamma do alcool. Prompto. Ninguem botaria reparo na extremidade um pouco menor. As injecções intramusculares eram de dois em dois dias.

—Você tem melhorado? — Tenho um pouquinho...—A coisa vae devagar mas vae indo.—E'. Vae. Ha de ir... Elle não queria ver nunca a ampôla que a mão despreoccupada escolhia. Fechava os olhos, face contrafeita parada, um desprendimento... (O homem terrivel esquecêra o papel fuchicado e escutava agora com um leve sorriso, meio amargura prá vida, meio deboche pra Amancio).

O ruido da agua fervendo na pequenina caixa de metal immenso era immenso. A serrinha que serrava o bico da ampôla serrava talvez a vida delle. A picada doía agudamente nos nervos da alma como ferro em brasa.—A morte está entrando talvez no meu corpo...

Porem a morte não entrava. Mais dois dias e o medico outra vez, risonho e sadio. Dispunha a caixa sabre a mesa, accendia um phósphoro, a chamma azulava e crescia. A agua em breve borbulhava e o ruido ia enchendo o quarto, ia enchendo a casa tranquilla, ia enchendo o mundo tão bom mas que era preciso largar miseravelmente. — Você pode sahir. Passear de vez em quando. Desde que seja sem excesso. Pode até ir ao cinema. Hontem passou no Odeon uma fita batuta de Lon Chaney. Elle morreu no fim dum modo horrivel. Estraçalhado.

Ouvia a morte fingida de Lon Chaney emquanta a morte real entrava talvez na carne delle doendo feito ferro em brasa, feito uma fogueira, feito o mais cruel dos martyrios... A morte comtudo não entrou mesmo não. Restava uma ampôla única. A última... Fechou os olhos, a face contrafeita parada, um desprendimento... O cheiro do alcool queimado era o ultimo perfume que levava da vida... A agua borbulhando era o último ruido, a seringa agitada batendo contra o metal da pequenina caixa... Não, era a serra serrando o vidro... Ainda não, era a voz do médico, uma fita de Harold Lloyd... —A cabelleira do Harold arrepiou quando, ao procurar a mão da pequena, achou uma pata de leão. Imagina você...

O medico se approximou rindo da lembrança da fita e trazendo a morte libertadora dentro da seringa. Elle estendeu o braço prompto pra morrer. Morrer... O braço como machinalmente se ergueu de arranco e a seringa se espatifou no soalho.—Que isso!—Nada não. Vou acabar com esta geringonça de tratamento. Si tenho de morrer mesmo ha de ser gosando a vida.—Loucura!

Loucura ou não ali estava elle. Trez mezes e tanto já e não sentia nada. Não soffria de nada. Um sorriso victorioso de dono da vida terminou a narrativa. Bebeu meio chôpe dum gólo.

—Gostei do invento. Você tem muita imaginação. O homem terrivel commentava sarcástico. Amancio mandou pra elle

um olhar rápido de cólera que já não podia conter-se.

—Imaginação é a mãe!

O homem se tornou a fera dum salto a navalha rebrilhando faiscando na mão. Amancio recuou num pavor empurrando a mesa até na parêde, quasi deitado de costas sobre ella, os braços sacudidos num desespero:

—Não deixem elle me matar! Pelo amor de Deus não deixem elle me matar!

Mas a fera forte desvencilhou-se o fio frio riscou fundo o pescoço o sangue esguichou sobre o atoalhado encardido. O assassino cambaleou como tambem ferido de morte:

—Minha Nossa Senhora, eu matei elle! Um medico pra salvar elle! Um padre pra salvar a alma delle!

As parêdes tremeram com o mesmo brado de revolta:

—Lyncha elle! Lyncha elle!

—Mas que falta de grammatica!—Disse o sujeito de fraque despertando queimado.

24—12—926.

JOÃO ALPHONSUS.

(1) Pra melhor entendimento avisamos que este personagem tinha no bolso do palitó um papel perfumado e fuchicado: "Besta Até a volta, vou simbora pra bem longe, nunca mais me verás! Antes não gostar da gente do que gostar como você me gosta com esta animaleza estupida assim sem inducação nem nadas, te deixo sem Saudade! nunca mais você me beijará não, é bobagem percurar quando receberes já vou longe... Adeus de tua Erminia".

D E S C O B E R T A

PARA CARLOS DRUMMOND

O homem enfeitado
chegou debaixo do sapé sêco
e olhou lá dentro da casa.

Vio uma moça bonita
de seios maravilha
de carne carne.

E ficou.

E plantou na terra rôxa
a bandeira ironica da conquista.

Tava descoberto o fim do mundo.

C A M I L L O - S O A R E S.

AUX JEUNES GENS DE CATACAZES

Tango vient de tanguer
Et jazz vient de jaser
Qui importe l'etymologie
Si ce petit klaxon m'amuse?

BLAISE CENDRARS.

Rio—9—11—927.

CASO DA CASCATA

DO LIVRO «MACUNAÍMA»

... E a cascata contou o que tinha sucedido pra ela. Assim:

Não vê que chamo Naipí e sou filha do tuxaua Mexô-Mexoitiquí nome que na minha fala quer dizer Engatinha-Engatinha. Eu era uma boniteza de cunhatã e todos os tuxauas vizinhos desejavam dormir na minha rêde e enlaçar meu corpo mais molengo que embirossú. Porêm quando alguem vinha eu dava dentadas e contapés por amor de experimentar a fôrça dele. E todos não aguentavam e partiam sorumbaticos.

Minha tribu era escrava da boiúna Capêi que morava num covão em companhia das saúvas. Sempre no tempo em que os ipês de beira-rio se amarelavam de flores a boiúna vinha na taba escolher a cunhã virgem que ia dormir com ela na socava cheia de esqueletos.

Quando meu corpo chorou sangue pedindo fôrça de homem pra servir, a suinara cantou manhãzinha nas jarinas de meu tejupá, veio Capêi e me escolheu. Os ipês de beira-rio relampeavam de amarelo e todas as flores cairam nos ombros soluçando do moço Titçatê, guerreiro de meu pai. A tristura talqualmente correição de sacassaia viera na taba e devorara até o silencio.

Quando o pagé velho tirou a noite do buraco outra vez, Titçatê ajuntou as florzinhas junto dele e veio com elas prá rede da minha ultima noite livre. Então mordi Titçatê.

O sangue espirrou na munheca mordida porêm o moço não fez caso não, gemeu de raiva amando, me encheu a boca de flores que não pude mais morder. Titçatê pulou na rede e Naipí serviu Titçatê.

Depois que brincâmos feito dôidos entre sangue escorrendo e as florzinhas de ipê, meu vencedor me carregou no ombro, me jogou na ipêigara abicada num esconderijo de aturiás e frechou por largo rio Zangado, fugindo da boiúna.

No outro dia quando o pagé velho guardou a noite no buraco outra vez Capêi foi me buscar e encontrou a rede sangrando vazia. Deu um urro e deitou correndo em busca nossa. Vinha vindo vinha vindo, a gente escutava urro dela perto, mais perto pertinho e afinal as aguas do rio Zangado empinaram com o corpo da boiúna alí.

Titçatê não podia mais remar desfalecido sangrando sempre com a mordida na munheca. Por isso que não pudemos fugir. Capêi me prendeu, me revirou fez a sorte do ovo em mim, deu certo e a boiúna viu que eu já servira Titçatê.

Quis acabar com o mundo de raiva tamanha, não sei... me virou nesta pedra e atirou Titçatê na praia do rio, transformado numa planta. E' aquela uma que está lá em baixo, lá! E' aquele mururé tão lindo que se enxerga bracejando nagua pra mim. As flores roxas dele são os pingos de sangue da mordida que meu frio de cascata regelou.

Capêi mora em baixo de mim, examinando sempre na gruta si fui mesmo brincada pelo moço. Fui sim e passarei chorando nesta pedra até o fim do que não tem fim, maguas de não servir mais o meu guerreiro Titçatê.

MARIO DE ANDRADE.

INÉDITOS DOS CANTOS MUNICIPAES PARA VERDE

ESTAÇÃOSINHA

Lá vem
o trem
bufando
fumarando
—xá—xá—xá—rrrooon...
E este porquinho
que não sai da linha!...
Isquê!...

TAGORE

Ó Rabindraná,
estou olhando a lua crecente
no ceu azul deste Brasil indiano
com uma vontade doida de ser creança
pra adormecer no teu carinho de Pai.

O JORNALISTA

O jornalista
oposicionista
de Briquités
pensa que o governo em Belorizonte
lê o seu jornal de cabo a rabo.
Quasi todos os seus artigos
acabam mais ou menos assim:
"Pondere o honrado governo do Estado..."

UM SALOMÃO

O Capitão Orozimbo Candido da Silva,
juiz municipal de Capivaras,
me disse que, si fosse Salomão,
teria decidido a causa das duas mães
de modo bem mais pratico:
poria a creança a mamar nas duas mulheres.
Porque (teoria dele)
filho mama com mais prazer
na maminha da mãe.

O AGRONOMO

Apareceu um doutor em Capivaras
ensinando a agricultura pelos processos
modernos.
Reuniu os fazendeiros na sala do Paço,
mas antes de pedir a palavra
foi lá fóra pitar um cigarro goiano.

WELLINGTON BRANDÃO.

AVENTURA

Aurora, voz de estranhos céos, aurora, que amargor naquêle gesto largo das montanhas! As casas desse momento, tão isoladas, imagine que davam para uma grande pedra multiforme. Ruas e mais ruas precipitavam-se em torno do succedido. E os ultimos acontecimentos eram de natureza principalmente calcarea como se diz. Eis que de repente o povo irrompe em enthusiasmo. Foi quando silenciosamente as horas uma a uma se puseram a fugir.

Daí a uma tentativa compreende-se que havia um passo ou dois. Assim sendo a segunda hipotese reconhecidamente mais saudavel teve a audacia de desaparecer por um caminho desses que a gente não percorrerá jamais. A um certo signal, e como si todos estivessem ligados a uma idéa fixa todos os homens tremeram, emquanto as mulheres e as palavras mais habeis riam riam perdidamente. A scena se repetiu tres vezes. E por absurdo que pareça, nem todo mundo desistiu de conciliar o sôno. O sôno ao contrario é que tomou maior numero de iniciativas. Percebendo a manobra atrevida não tive duvida em contemplar pessoalmente as nuvens face a face. De todos os lados protestos intrinsecos faziam que sim com as mãos, os pés e algumas orelhas.

Isso porem nunca sería motivo bastante para eu não florir ou amortecer.

Ao contrario. Bem me parecia que a intransigencia daquéla pobre gente significava alguma coisa mais do que um simples compasso. Compasso? Desses assim eu vi muitos. Quantas vezes calaram-se os gansos, não, pergunte só quantas vezes calaram-se antes dêle ser isso. Azul marinho, dirão vocês. Mas nem sempre. Outrora sim, reconheço e como negar que assim fosse por um espaço superior ao capitão? Franqueza das franquezas e que milhor coisa ha que não dure o tempo necessario a tais emanações? Não. Eu vi. Depois de mim que vieram as estrêlas. Oh! sem aquêle sabor de antigamente, que as fazia tão altas e vacilantes nos seus cantares. Assim como quem diz que a vida está fóra de discussão.

PRUDENTE DE MORAES, NETO.

OS ESPLENDORES DO ORIENTE

"Amar sem gemer"
do Diario nocturno de Caridad Claridad

Na madrugada pé—de nimpha, o binoculo desenhou a testa do céu amarello no esquadro fumegante da esquadra abandonada pelos persas nas usinas do Pireu.

De volta das noites bogarins, o porteiro de Alí-Babá fixou o cadeado do orquestrão gordo que costumava electrocutar os silencios de Pera.

O bar Bristol entre cindros e cadeiras syrias era um paralytico innocente atravessado de um cão policial onde um principe negro preparava o crenel nomade dos cruzados globe-troters e polyglotas. Por isso os soldados kurdos negavam a essencia dos copos lithurgicos dos armenios candelabros.

As alfandegas do tourismo attingiam desertos pederastas nas pyramides onde se massacravam conductores millionarios e inglesas com chapeos da rainha Victoria. Populações envolviam-se de vermelho até o mar diccionario e no vinho dos hoteis girls colonizavam ladeando steacks de tennis nas escadas, dedilhando as ruas que esplendiam sem barulho. O Nilo ficou frente a frente com steamers e muralhas.

Ora Caridad Claridad era um tomate na cachoeira dos lençoes.

Mas ainda carretas empurraram trilhos por dezenas ageis nos espirros do rio preso e o gala-gala de olho no bolso tirou pintos vivos dos fogareus.

Camellos, espanadores, martellos, mulheres e felahs fugiam para as photographias.

OSWALD DE ANDRADE.

De "*Serafim Ponte Grande*"

QUADRILHA

João amava Thereza que amava Raymundo
que amava Maria que amava Joaquim que
amava Lili
que não amava ninguem,
João foi pros Estados Unidos, Thereza foi pro convento,
Raymundo morreu de desastre, Maria ficou pra tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com Brederodes
que não tinha entrado na historia.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.

CAMELOTS

«Eita senhores! o kagadozinho
Não come, não bebe, não fuma,
Não gasta dinheiro em casa
E custa apenas 500 reis!
500 reis!»
—CAMELOT!

«Senhores! para defender o nome do Brasil
Do caudulheismo mesquinho
Que de attentar contra o poder não perde vasa,
Para defender nossas tradições de povo varonil, em suma,
E' que eu neste porto estou!»
—CAMELOT!

«Independencia ou Morte!
Foi o brado guerreiro, impetuoso e forte,
Que do Rio Grande ao Pará echoou!»
—CAMELOT!

«Nunca reclames contra tua sorte!
Dá sempre o bem a quem o mal te dá,
Que em paga o Reino de meu Pai te dou...»
—CAMELOT!

«Dos restos do meu sonho
Estes versos gentis que ao teu valor componho
A minha alma formou...
—CAMELOT!... CAMELOT!...

ASCENSO FERREIRA

(Pernambuco)

MODERNISMO

E' PRECISO DISTINGUIR

Muita gente ha que confunde *modernisno* com *futurismo*. Ora... é preciso distinguir, *Modernismo* é uma coisa, e *futurismo*—outra. Ambos differem, fundamentalmente. Conferem, apenas, no sentido da renovação. Modernismo no Brasil é um movimento largo e fecundo de idéas novas. *Futurismo* foi a fantasia ingénua do ingénuo Marinetti, que, afinal, andou um seculo atrasado nas proprias idéas, e acabou por desistir.

Modernismo brasileiro tem significação profunda: abrange todos os ramos da actividade humana. Quer a renovação em tudo: renovação lenta, gradual, persistente. Nada fixou ainda, é verdade. Mas a grita tem sido tão grande que muita gente agora já presta a devida attenção ao seu programma. O insulto que ouve a cada instante, a risada ascarninha, o remogue solerte, tudo tem grande significação para a corrente.

OS TRES P P P

E' formidavel o nosso ideal: queremos ser nós mesmos. Queremos a lingua brasileira, a raça brasileira, a substancia brasileira, a vida brasileira, em summa. Nada de improvisação, de copia, de arremêdo. Combatemos os tres P P P, de que falava Remy de Gourmont. Para que plagio? Para que parodia? Para que *pastiche?* O modernismo tem agora mais do que nunca uma lucta cruenta: lucta de vida, ou de morte.

Quem fez a Italia, isto é, quem creou o *sentimento italiano?* Não foram os proprios habitantes da peninsula do Mediterrano? Claro. E Portugal? Não foram os portuguêses? E a França? Ora... porque é que nós agora, a pretexto de crearmos a civilisação brasileira, havemos de decorar D'Annunzio, ou reler Eça de Queiroz, ou mastigar Anatole France? Podemos, é evidente, conhecer a fundo a literatura portuguêsa, ou italiana, ou francêsa. Não se conclue, porem, que devamos deformar a nossa, plasmando-a pelo modelo estranho. E' um contrasenso. Um absurdo. Seria engraçado que fizessemos, por exemplo, dansar a *Carmen*, typo rigorosamente espanhol, ao som da chorada modinha brasileira... Cada qual no seu logar...

MOVIMENTO DE ASPIRAÇÃO

Nós, que nunca tivemos livros-padrões, livros da raça; que não temos forma nem figura de civilisação propria, e por isso vivemos á mercê da influencia estrangeira, devemos reagir. Dahi o sentido brasileiro de nossa corrente. Movimento de aspiração, entre a inquietude improductiva dos passadistas e o pasmo dos ultimos abencerragens de classicismo.

O modernismo ha de ser qualquer coisa, por que tem a sua historia, desde o grito do snr. Graça Aranha (a quem não conhecemos pessoalmente e a cujo admiravel talento sempre rendemos o nosso apreço, embora em certa epoca tivessemos combatido algumas de suas idéas), desde o famoso apparecimento dos *Epigrammas* do fulgurante Ronald, até o movimento indisciplinado da Paulicéa e dos a quem chamamos, um dia, *horizontinos*. com Martins de Almeida á frente.

O movimento persiste. Ha um zum-zum na colmeia, zum-zum crescente, insopitavel.

OS COMBATENTES DA HORA

Nomes? Vejam se não ha brilhos estonteantes num Ronald de Carvalho, num Manuel Bandeira, num Graça Aranha, num Mario de Andrade, num Ribeiro Couto, num Menotti del Picchia, num Cassiano Ricardo, num Oswaldo de Andrade, num Martins de Almeida, num Buarque de Hollanda, num Edmundo Lys, num Raul Bopp, num Henrique de Resende, num Sergio Milliet, num Alcantara Machado, num Affonso Arinos Sobrinho,

num Prudente Netto, num Paulo Prado, num Yan de Almeida. Vejam, mais, se não ha fulgores nas tendencias modernizantes de um Guilherme de Almeida, um Wellington Brandão, de um Abgar Renault, de um Murillo de Araujo, de um Couto de Barros! E os *novissimos*? Que constellação ruidosa de artistas brabos, cheios de experanças e alegrias? Um Rosario Fusco, um Carlos Drummond de Andrade, um Camillo Soares, um Francisco Ignacio Peixoto, um Tostes Malta, um Emilio Moura, um Ary Gonçalves, um Antonio Constantino, um Martins Mendes, um Corrêa Filho, um Caio de Freitas, um Evagrio Rodrigues, um Guilhermino Cesar, um Ascanio Lopes, um Roberto Theodoro. E quantos não conhecemos, quantas formosissimas intelligencias escondidas no silencio de si mesmas?

Os criticos da corrente... São poucos ainda, mas são grandes. Quem não conhece o magistral Tristão de Athayde? E o vigoroso e inexcedivel Aggripino Grieco? E o forte Rodrigo M. Franco de Andrade. E os que se vão revelando aos poucos? Um Gastão de Almeida, cheio de modestia e cheio de talento? Um Augusto Schmidt?

Quem nunca ouvi falar no historiador de nossa musica, o vibrante Renato Almeida? E que se ha de dizer da maravilhante cerebração artistica de Vila-Lobos?

A GRANDE TOLICE

Ora... negar o modernismo por meio de gargalhadas e palavrazinhas ôcas é uma grande tolice. O modernismo existe: está ahi, á vista de todos. Será como têm sido os variados movimentos estheticos em todos os tempos: uma coisa a ser contada amanhã pela historia. Os livros estão apparecendo. A discussão augmenta. Ha gritos, ha chinfrins. Tudo é combate. O que é certissimo é que, amanhã, pelas cartilhas de historia da literatura, leremos qualquer coisa parecida com o capitulo que segue: «O Brasil commemorou seu centenario com grandes e extraordinarias festa. Emquanto as grandes associações litero — scientificas tormavam champanha francêsa e o legitimo e capitoso Burgogne, entre leituras insipidas, fastidiosas de interminaveis monographias e relatorios,—os modernos humildes á roda das mêsas, no *Tavares*, no *Lamas*, do Rio, e *Bar do Ponto*, em Bello Horizonte, discutiam, entre goles de café e guaraná-espumante, as possibilidades de um Brasil grandioso, desse Brasil postiço que anda a querer enxugar o nariz no lenço d'alcobaça de Camillo e repetir os motivos de Lamartine ou de Flaubert.»

Não! O Brasil está sendo descoberto aos poucos. Havemos de levar directamente ao sentimento brasileiro, que se vae adensando, o contingente do nosso esforço. E toda a nossa lucta não ha de consistir em *discursos—hymno nacional* e *poemas—patria amada-gentil*. Tudo o que fizermos será substancia verdadeira, material legitimo para a formação de nossos ideaes de brasilidade.

MARTINS DE OLIVEIRA.

(Especial para *Verde*.)

A SYNCOPE

E elle de repente sentiu-se mal.

Na rua refervia a multidão dos transeuntes.

Tinham todos expressão de indifferença, egoismo, quasi hostilidade.

Elle estacou, em agonia, sentindo no cerebro como um esguicho gelado.

Torvellinhou-lhe a razão.

Tacteou o espaço num desespero de naufrago, rodopiou sobre si mesmo e estirou-se na calçada.

A humanidade vibrou no coração dos homens que passavam indifferentes, hostis e todos, piedosos, acudiram.

Cercaram o homem cahido.

Cem braços procuravam reanimal-o...

Passado algum tempo o rythmo desfallecido do coração do enfermo voltou a normalizar-se.

Abriu os olhos, procurou comprehender.

Comprehendeu.

E vendo a piedade dos homens encheu-se de terror e soltou um grito rouco:

—A carteira!

Levou, num gesto insano, a mão ao bolso...

Mas era tarde. A carteira havia desapparecido.

GODOFREDO RANGEL

MATINAL

O ar da manhã beija as minhas faces.
A minha alma beija o ar leve da manhã,
e olha a paisagem longinqua da cidade,
que branqueja alegremente, ao longe;
que sorri humanamente
um sorriso claro no caiado das casas,
que montam os flancos das collinas azues e distantes,
e espiam pelos olhos escancarados das janellas.

7 horas. Vae começar a funcção.
O despertador das sirenas fura, lyricamente, o silencio doirado da manhã.
Parece que a vida acorda agora pela primeira vez,
e esfréga os olhos deslumbradamente...

Meu "Ford" fordeja dentro da manhã,
e sobe a rua velha do meu bairro,
arquejando, bufando, fumando gasolina.
Meu "Ford" a cabriolar nos buracos da rua descalça
é um cabrito todo preto a cabriolar, prodigioso.

O ar leve da manhã beija o radiador,
e beija as minhas faces.

A meninice de todo o meu sêr
na névoa dourada desta manhã!

926. ABGAR RENAULT.

■■ ■■ ■■ ■■ ■■ ■■ ■■ ■■

FESTA DA BANDEIRA

PRO MARIO

Depois que os meninos cantaram
o "salve lindo pendão da esperança"
o professor doutor Arlindo França
descobriu o retrato de Camões e disse
que êle foi um grande poeta português
autor do URUGUAY—o mais belo
poema da lingua portuguêsa

Meninos bateram palmas e o coronel Sinfrônio
elogiou o "estilo quente" do orador...

Seu Nicólas farmaceutico falou com titio
que o seu França é um homem "preparado"
—a mais viva esperança do Brasil...

ROSARIO FUSCO.

BILHETES

PRO ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO — SÃO PAULO

Depois de ter lido a carta do Couto pra você—Alcântara—resolvi reler bem devagarinho o BRÁS BEXIGA E BARRA FUNDA. Como v. deve saber, pois já lhe escrevi a esse respeito, não gostei nada de certas coisinhas daquela carta.

O que notei no BRÁS BEXIGA—e que tambem o Couto devia ter notado—é a baita "visão cinematografica" de que v. é dono, uma baita falta de movimento. Estou pra dizer até que os seus contos são "cinéticos".

Você é *deshumano* quasi. Sua sensibilidade é fortissima, sem duvida, mas v. não se preocupa e acho mesmo que nem se incomoda de transmitil-a.

O seu "caso" é narrado tal como foi. E' documento. V. abandona aqueles detalhes liricos todos que só servem pra aporrinhar. Não é isso?—Pois é.

A gente "sente" o seu conto. Mas porêm não sente o contacto de sua sensibilidade que declancharia (1) um bruto lirismo no leitor. E essa, talvez, seja a sua maior virtude. Ou o seu maior defeito. V comove sem artificialismo.

Se Ribeiro Couto—por ezemplo, que é sem duvida o nosso Casimiro de Abreu, o poeta POETA, o homem mais sentimental que eu conheço, pois bem—se Ribeiro Couto contasse aquela historia do GAETANINHO você até chorava! Aposto. Com v. o caso é diferente. Você vai contando. Quem quiser que se comôva... Você não tem nada com isso!

Bem. Cheguei onde eu queria chegar. Estaí o miôlo do meu bilhête. Coisa atôa. Mas a coisa mais interessante que encontrei em sua obra.

E' isso o que Couto de Barros deveria ter frisado bem—num estudinho tão bonito como aquele. Isso é o que ha de mais importante na "separação" de sua personalidade.

Carmela e Liseta—puxa! são as coisas mais bonitas que eu já li na minha vida. Estas sim. São comoventes de fato. Não pelo sentimentalismo lirico—repito!—que v. se tem não parece ter (basta dizer que v. não é fazedor de versos) mas pela escandalosa simplicidade espontanéa que bróta do seu geito de contar.

E v. é isso tudo—Alcântara—bom e máu, humano e deshumano, discutido e pastichado—porquê v. é UNICO!

No mundo não ha outro Alcântara Machado. Não ha um sujeito que escrêva como você.

Juro que não ha!

Espera lá, estou pregando mentira: tem o Mario...

ROSARIO FUSCO.

Lembrânças ao Couto, Yan e Milliet.

Um abraço do tamanho dum bonde—no Mario, por minha conta.

Nota — Este bilhete já estava escrito quando o Ascanio apareceu na redacção da VERDE com o seu bilhete delle pro Couto. Nem o Ascanio conhecia minhas ideas. Nem eu conhecia as dele.

Ele hontem veio da fazenda (estava profundamente lirico por causa da namorada) e ha muito tempo não conversavamos. Êste aviso é pra evitar possiveis encrencas.

(1) Perdão Mario...

PARA COUTO DE BARROS — SÃO PAULO

V. disse na "Verde" que só quem conhece S. Paulo compreenderia integralmente Bras, Bexiga e Barra Funda. Demonstrou isso com theorema e receita de doce.

Mas me parece que v. está enganado.

Ninguem percebeu ainda hermetismo no livro tão claro do Alcantara. Este é puramente um sujeito de scenas seguidas gostosas. Nenhuma apreciação. Nenhuma sensibilidade. Aquillo que o Alcantara escreveu sobre a roupa vermelha do italianinho dava um poema para chorar de Ribeiro Couto; mas por elle a gente gosta, apenas; ninguem fica penalizado. O livro do Alcantara é uma fita sem letreiros e sem apreciações de propaganda da vida paulista: scenas! Ora, para entender uma fita desse geito, não é preciso nem ter visto S. Paulo. A gente fica é conhecendo S. Paulo atravez do livro do Alcantara. E' ou não é?

Entretanto, quem sabe se o livro tem mesmo o tal valor 100 de que fala v.?

Eu então fiquei no 1. Mas, mesmo assim gostei immenso. Calcula si eu não tivesse ficado na unidade, cá na superficie.

ASCANIO LOPES.

RELIGIÃO

Você sabe meu Deus
o que são essas cousas...

A gente fica sem geito depois de tanto tempo!

Ja não sei mais rezar...

Quando eu passava por frente de sua casa
eu ouvia sua queixa em mim
e fugia...
Eu não queria te encontrar!
Hoje
não sei o que me impelliu
para dentro de sua egreja
ENTREI
Teria rezado se soubesse
Teria me confessado
Teria dito assim
como pr'um amigo de peito
"Eu sou um sujeito muito safado!"

E si você insistisse um pouquinho
eu teria contado tudo
até essa cousa que eu não conto pr'a ninguem...

SERGIO MILLIET

CANTOS DA TERRA VERDE

(2)

Desce o rio, lento, pesadão, mollengo.

Mas, de repente,
se despenha no desespero do despenhadeiro.

E' a cachoeira, a acachoar, zoando e retum-
bando, no seio vir-
jem da floresta virjem.

E, além, são as aguas, que se refreiam, que se
represam,
e é a luta esplendida de mil cavallos imaginarios
nos canos grossos,
nos tubos longos,
pelas turbinas a dentro — num turbilhão.

E, então, lá no alto, á luz do dia, apotheoticamente,
as fabricas gemem,
os teares cantam,
a serras guincham,

— e, á noite, como que num milagre, é a cidadella
toda esplendente de alampadarios.

HENRIQUE DE RESENDE.

A GERMANA BITTENCOURT

Todo el Brasil en tu sonrisa cabocla.
Todo el Brasil en tu amistad clara.
Las noches del Brasil con luna sobre el Corcovado
el reflector que ilumina el lomo del gigante dormido.
RIO JANEIRO — SAN PAULO — RECIFE
El norte — el sur — el sertão de Euclydes.
Todo el Brasil que yo he soñado para mis noches sin tropicalismo.
Una naturaleza de aduanero Rousseau.
Piraguas cruzando el Amazonas
y Matto Grosso inexplorado y hondo.
Tu me diste el Brasil anticipadamente,
Bandeira y los amigos que estrecharán mi mano,
los buenos amigos brasileños olorosos a café tostado,
con esa sonrisa tuya de niña enferma,
tan magrinha, tan magrinha,
en la boca pequeña y fruncida
que sabe cantar el tremendo canto de los negros.

ILDEFONSO PEREDA VALDÉS.

SINGERMAN, STOLEK, ETC. ETC.

Buenos-Aires, Out. 10 de 1927.

Esse caso Singerman em que me vi envolvido, mau grado meu, veio outra vez, demonstrar esta coisa dolorosa: que continúa a viçar no Brazil uma faunazinha muito safada, sem sensibilidade moral e até physica, recebendo o coice como caricia gostosa e a injuria a modo de galardão. Como aquelle typo do Eça que não tinha a noção das gallinholas, essa gentezinha desfibrada, sem argucia psychologica que confunde o sorriso hypocritarrão dos interesseiros com o bom sorriso affectivo das almas saudaveis, desconhece o brio que, no fim de contas, é a espinha dorsal do caracter dos individuos.

Eu, quebrando o rythmo dos meus labores, já disse e redisse, com o melhor espirito de verdade, o que occorreu: a sra. Berta Singerman, atravez do russo seu compatriota, marido e empresario, recusou-se pura e simplesmente a collaborar em uma homenagem que o Ateneo Ibero-Americano organizara em honra ao nosso paiz na noite de 7 de setembro ultimo. Se houvesse isenção de animo por parte dos que arremetteram contra mim, de mangas arregaçadas, subornados baratamente por cházinhos com torradas, para cumprirem ordens da gerencia empresa Viggiani e agradarem a estrangeiros que nos exploram os mercados artisticos, attentariam, depressa, para a minha insuspeição. Indo á casa da sra. Singerman para convidal-a em nome daquella instituição americanista, lembrei-me de que, modestamente, poderia ser-lhe util, com escrever duas palavras sobre os seus proximos recitaes em S. Paulo e no Rio. Dest'arte, puz-lhe na boca expressões amaveis paa o Brazil que ella não proferiu, mas que deveria proferir se soubessse ser agradecida a um paiz e a um publico que a receberam carinhosamente, a impuzeram e—o melhor—lhe recheiaram a bolsa vasia. Com o indefectivel retrato que me offereceu e que pedi dedicasse a Alvaro Moreyra, seu amigo enthusiasta, mandei a chroniqueta—reportagem para "Para todos" que a publicou, mais tarde. Se me não engano, interpretei á maravilha o "camelot", sem chá e sem torradas. O interesse pessoal que me attribuem nesse gesto tão brazileiro é uma miseriazinha desprezivel. Não tive nunca embocadura para cabotino, o que lamento, e jamais pretendi que a sra. Singerman espectaculasse fantasmagoricamente os meus pobres versos com tregeitos pernosticos e gritinhos maiores e menores.

ILDEFONSO FALCÃO

(Continúa)

■■ ■■ ■■ ■■ ■■ ■■ ■■ ■■

D E S C O B E R T A D O B R A S I L

Programma:
1) Foguetões.
2) Alvorada pela Banda Musical 3 de maio.
3) Missa com sermão obrigatorio e leilão no final para as obras da egreja.
4) Passeata do batalhão escolar e sessão civica no grupo local.
5) A' noite, na séde do Gremio Literario Cultores das Letras, o sr. Pacifico Montes discorrerá eruditamente sobre o acaso da descoberta.
6) Fogos de artificio. Nota: Haverá foguetes de lagrimas

A S C A N I O L O P E S

CHROMO

A neblina roeu a paisagem.
Mas o sol, com cuidado
pintou ella de novo—

e ficou—todo—importante !...

EMILIO MOURA.

■■ ■■ ■■ ■■ ■■ ■■ ■■

VENTANIA

PRO MARIO

O vento veio malúco lá do alto do Bomfim
e veio chorando da tristura do cimiterio.

Zunio na praça do mercado
assuviou as mulatas avenida do comércio
e mexeu na saia délas.
Arrancou fôlha das arvores
poeira assungou do chão
depois virou
soprou
correu
danou
e entrou feito uma carga na avenida afonso pena,

O obelisco cortou êle pelo meio
mas êle foi avuando
e os fios da C. E. V. U. como cordas de viólas
vibraram dum som longo que cobrio Bélorizonte feito um lamento.

O vento passou desmandado no Cruzeiro
saío pro campo dobrou a mata
mas de repente
sua disparada para na parede serra do curral
e o bicho stópa mas sapéca no morro um supapo
que estrála que nem jinipapo
que mão raivoza
chispasse num muro duro.

Co — nhe — ceu papudo?

1926

PEDRO NAVA.

LITERATURA

ERÔES DE CINEMA

Reina crise no cinema, ou melhor, entre as estrelas e os estrelos. Figuras que tiveram estraordinario êzito na estréa, hoje decairam e aborrecem o publico. Ninguem mais suporta Thomas Meighan que teve momento devéras glorioso com "Macho e Femea". Igualmente Barthlemess que nos enlevou no "Lyrio Partido" e no (*) "Chaile de Manilha", agora não mais consegue enthusiasmar. O mesmo acontece com John Barrymore, Milton Sills, e com todos figurões ou figurinos que antecederam ou succederam a Rodolfo Valentino. Outros nomes nunca justificaram o resplendor que desfrutam, por ezemplo, o insuportavel Menjou. Nunca pude compreender a causa da fama deste insignificante francez. Podemos estender ás damas o mesmo defeito, que aflige os homens do cinema, não cito nomes porque seria impertinencia, porém o leitor facilmente suprirá a falta com seu esclarecido criterio e bom gosto.

A origem deste enfado geral, provém da monotonia dos astros na espressão dos seus olhos e labios e nos gestos que fazem. Dão o que têm no primeiro film, depois é repetição do que veio a principio. Ha eceções naturalmente, Carlito, o grande, é uma, mas não basta para compensar a multidão que fica no lado oposto. O peor da crise, é que até os filmes comicos passaram a sofrer do mesmo mal. Fujo de Harold Lloid, Buster Keaton, e principalmente de certos individuos genero Reginald Denny, como si fossem escritos do sr. Renato de Almeida. Conclusão, chegará o dia em que iremos ao cinema sómente para ver films em que não houver erões de cinema.

YAN DE ALMEIDA PRADO

(*) O famoso filme de Barthlemess, ezecutado em Cuba, poderia tambem significar um episodio brasileiro pela semelhança no senario. Designei-o sob o titulo "Chaile de Manilha" porque ignoro como foi batizado nos cinemas nacionaes.

AUSTÉM AMARO—«Juiz de Fóra»

Um poema lirico — moderno cheio de rastros parnasianos e uma bruta influencia do Mario.

Acho até que se Austém Amaro não lesse o *Noturno de Belo Horizonte* não escreveria aquilo. Comtudo o livro é moço, vivo, inteligente. E, como em geral acontece: bom e ruím.

Juiz de Fóra não é uma coisa difinitiva. Austém se quizesse poderia dar pra gente lêr coisa muito milhor.

Desenhos bonitos de Nava sujam os olhos da gente de preto.— R. F

O HOMEM INQUIETO

Na geração moderna brasileira Wellington Brandão é um NOME. O cinzelador de *Deslumbramento de um triste*, *Séara da Emoção*, *Bonecos de Pano* e outras paginas bonitas e centilantes é o autor de *O homem inquieto*.

O livro todo é uma farandola de assonancias admiraveis e imagens belissimas, repassadas, não raro—de acentuado fundo filosófico. Cocteau: a influencia é um contagio. E é mesmo. E acho que é porisso, talvez, que a gente encontre pontos de contacto entre Welligton e Tasso. Principalmente o Tasso desses ultimos tempos. Leiam, por ezemplo, os poemas: *O homem sobrenatural*, *A Verdade Inutil* e o *Pregador*. Isso pra citar os mais fortes

O Homem Inquieto é um livro cheio de altos e baixos, não ha negar. Um livro quasi antigo. Mas agrada e comóve bem.

O que achei interessante—e coisa rarissima!—o titulo justifica brilhantemente os poemas contidos no pequenino volume.

Todo o livro canta, vibra, grita de entusiasmo e de vida—cheio da alegria contagiosa do poeta moço que fez da inteligencia "um trapo inutil de sêda sobre a chama mais alta do coração"

FUSCO.

OSWALDO ABRITTA—«Crepusculares.

Só o titulo já é uma coisa lamentavel.

Livro fóra de época é milhor calar. Em todo o caso, no tempo dêle—pra falar a verdade—o livro não é muito mau não.

Os seus defeitos são justificados com a pouca idade do poeta que vive até agora—enterrado no fundo de um quarto com figuras de Bilac e Raimundo Corrêa, pelas paredes, quarto de ginasiano farrista...

Vamos a vêr que tal o seu novo livro modernissimo, anunciado pra breve.

R. F.

A ILLUMINAÇÃO DA VIDA

MURILLO ARAUJO

Rio 927.

Murillo Araujo tem pra mim duas bôas qualidades: a de haver creado um ritmo proprio e a de haver conseguido a rara vitoria de ser imitado por algum tempo. Crear na epoca de hoje não é das peores coisas— e, ainda mais, crear coisa que mereça cópia. Na *A Cidade de Ouro*, livro de amplo sucesso, editado em 1922, Murillo Araujo deixou bem frisada a sua maneira, a sua expressão poetica—e o seu ritmo passou a ser pastichado por muita gente bôa. Creou vulto, em seguida, a renovação literaria. O brilhante autor da *A Cidade de Ouro*, embora mais moço que os velhos passadistas e um tanto mais velho que os primeiros iniciadores, continuou a literatejar pelas revistas, esquecido do movimento, com aquelle seu mesmo ritmo, a sua mesma maneira. Resultado: foi ficando pra trás. Os modernos, avançando sempre, largaram um dia de lado o sr. Graça e o sr. Ronald, dois admiraveis dos grandes precursores. Desembestaram uns tempos sem um cabeça, sempre mais novos, mais outros, mais differentes, se bem que mais desorientados. Depois aceitaram a verdadeira espressão: Mario de Andrade, que é, no dizer de não sei quem, "a receita que não falha nunca". Por essa epoca o ritmo de Murillo Araujo já não interessava tanto.

Uns preferiram novos ritmos. Outros não preferiram coisa nenhuma. Mas todos fôram-se renovando. E distanciaram-se muito de Murillo. Eis quando aparece *A Illuminação da Vida*. Livro novo, não ha negar. Conservação dos mesmos processos, porém, com maior liberdade, maior alegria creadora. E Murillo reconquista, com a nova publicação, o seu antigo lugar. E' novamente um bom poeta no eito claro dos modernistas. Não ha duvida que Murillo, no eito dos poetas modernos, é bem differente de todos os poetas modernos do Brasil. Mas isto longe de ser um defeito é uma terceira qualidade que lhe reconheço. Ninguem tem obrigação de ser igual aos outros. De afinar a sua viola pela prima dos demais violeiros. Aliás o Grupo Escolar do Modernismo é a sala mais democrata e camarada de todas as salas: não se excluem sexos nem raças nem classes. Venham todos. Mulheres ou homens Pretos ou brancos. Ricos ou pobres.

A unica ferramenta que se exige é o tal machado pra cortar o mato. Aquelle que o não tiver bem afiadinho e bem encabado vae ficando pra trás até se perder de vista e ás vezes de memoria. E Murillo Araujo, com a *Illuminação da Vida*, tem o seu machado conforme. Mas uma coisa elle tem tambem: é muito mato pra cortar.

HENRIQUE DE RESENDE.

BONÉCOS DE PANO

WELLINGTON BRANDÃO

Ed. Helios — S. Paulo — 1926.

Wellington Brandão é um triste e um descontente que não chega a ser um revoltado. No seu livro—Bonécos de Pano— não ha odio, ha pesar e muita ternura desconfiada e disfarçada. Sem intenção de satyra. Porque a satyra tem o fim de corrigir apontando defeitos e Wellington não expõe a crú as magellas e nem ensina pomadas ou emplastros.

Seu processo é outro, o de envolver o facto numa rêde de acontecimento taes que o facto quasi desapparece. Só quem tiver a intenção de ver, verá.

Wellington crê, possivelmente, no aperfeiçoamento das instituições, na regeneração dos homens. Não pela moralização e melhoramento evolutivo dos dirigentes e das coisas. Mas pelo cansaço do proibido, pelo exagerado emprego da força e da astucia, acredita no obsoletismo futuro dellas, pelo abuso do uso. Quanto a elle, contenta-se em narrar os factos, reclamando como bom brasileiro. Pena é isso, que estraga suas melhores coisas: reclamar e discutir não traz proveito, sobre ser inutil. A discussão não convence ninguem. A reclamação só serve pra irritar.

Estou a aconselhar ao Wellington que se refugie naquella deliciosa ironia de que já nos deu amostra no poema "Emboscada" (v. "Diario de Minas") e no ingenuo primitivismo dos "Cantos Municipaes".

Evite as discussões dialogadas, as reclamações cansativas, as explicações pessoaes e geraes. E então nos dará tudo aquillo que esperamos de seu talento.

ASCANIO.

FESTA
(Rio — nº. 2)

Tasso da Silveira concorre com boas coisas para o nº. 2 dessa revista.

Abre até um concurso afim de se escolher o melhor simbolo para o movimento nacionalista. Combate o carrapato e a anta. Estou apostando como Fusco vae ganhar o pareo com a araponga.

Lacerda Pinto apresenta-se com um poema excellente, prejudicado com a proximidade dum outro intitulado "Sinceridade".

Di Cavalcanti — um desenho que não dá para commover, apesar do titulo.

Barreto Filho continúa a ter 14 annos incompletos.

Abgar Renault — um poema velho, distanciado do delicioso "Felicidade" (v. "Verde", nº 2).

O melhor da revista é o titulo que occupa uma pagina inteirinha, livrando-nos de muita prosa macête do snr. Andrade Muricy.

A. L.

* * *

No proximo numero daremos noticias sobre os seguintes livros, revistas e jornaes recebidos:

Ildefonso Pereda Valdes
Antologia de la moderna poesia Uruguava
Ed. El Ateneo—Buenos Ayres—1927.

Ildefonso Pereda Valdes
Cinq poemes négres—Cruz del Sur—1927

Ildefonso Pereda Valdes
La Guitarra de los negros—Cruz del Sur — 1926

Atlantico — (jornal) director Marques Rebello

Carátula—(jornal) ed. Cruz del Sur—Buenos Ayres

Martin Fierro (jornal) ed. Cruz del Sur —Buenos Ayres

* * *

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar poemas de: Murillo Araujo, Pimenta Velloso, Francisco Peixoto, Oswaldo Abritta, Roberto Theodóro, Guilhermino Cesar, Albano de Moraes, Martins de Oliveira e outros.

No proximo numero, além de outras collaborações e notas—publicaremos trabalhos ineditos de: Mario de Andrade, Alcântara Machado, Ildefonso Pereda Valdes, Prudente de Moraes, neto, Oswaldo de Andrade, Marques Rebello, Sergio Milliet, Couto de Barros, Yan de Almeida, Godofrêdo Rangel, Carlos Drummond, Pedro Nava, Ildefonso Falcão, Emilio Moura, Abgar Renault, Wellington Brandão, Martins de Oliveira, João Alphonsus, Ascenso Ferreira, Affonso Arinos Sobrinho, Paulo Prado e muitos outros.

* * *

Os dois gostosissimos poemas de Ildefonso Pereda Valdes e Blaise Cendrars que offerecemos hoje aos leitores de VERDE, foram escriptos especialmente para esta revista e constituem o inicio duma serie de colaborações ineditas dos maiores artistas estrangeiros da actualidade—que iremos publicar, e que constituirá, decerto, uma das partes mais interessantes de VERDE.

VERDE RECOMMENDA:

ADVOGADOS:

Drs. Affonso H. Vieira de Resende
— E —
Affonso Vieira de Resende Junior
Av. Astolpho Dutra — Tel. 170
—
Dr. Abilio Cesar de Novaes
Rua Coronel Vieira — Tel. 86
—
Dr. Dionysio Silveira
Praça Ruy Barbosa — Tel. 61 — J
—
Dr. Pedro Dutra Nicacio, neto
Rua Coronel Vieira — Tel. 128
—
Dr. Merolino Corrêa
Praça Santa Rita
—
Dr. Sandoval de Azevêdo
Rua Coronel Vieira — Tel. 107
—
Dr. João Martins de Oliveira
Hotel Brasil — 133
Praça Ruy Barbosa
—
Dr. Antonio Lobo de Resende Filho
Av. Astolpho Dutra — Tel. 66
—

DENTISTAS:

Alberto Rocha
Rua Coronel Vieira — Tel. 125
—
José de Carvalho Drummond
Rua dos Passos — Tel. 105

Servulo José Abranches
Rua Coronel Vieira — Tel. 174
—
André Pagano
Rua dos Passos
—
Alfredo G. Baptista
Rua Rebello Horta
—
Balduino Silva
Villa Arabella
—

MEDICOS:

Dr. Francisco José Cardoso Junior
Rua Major Vieira — Tel. 31
—
Dr. Mario Cardoso
Trav. 7 de Setembro — Tel. 114
—
Dr. Armando de Almeida
Praça Santa Rita — Tel. 167
—
Dr. Nelson Pinto Coelho
Rua Coronel Vieira — Tel. 125
—
Dr. Augusto Penna
Rua Coronel Vieira — Tel. 78
—
Dr. Ribeiro de Sá
Av. Astolpho Dutra — Tel. 180
—
Dr. Octaviano Costa
Praça Santa Rita — Tel. 34
—
Dr. Alpheu Cavalcanti
Rua Coronel Vieira, — Tel. 11
—
Dr. José Mendonça
Av. Astolpho Dutra — Tel. 66

Livros que os leitores de VERDE devem lêr.

APARECIDOS :

PRIMEIRO ANDAR, AMAR, VERBO INTRANSITIVO, CLAN DO JABOTÍ—de Mario de Andrade.

BRÁS, BEXIGA E BARRA-FUNDA—de António de Alcântara Machado.

PRIMEIRO CADERNO DE POESIAS—de Oswaldo de Andrade

A SAÍR :

O DIREITO DA FAMILIA SOBRE O CADAVER—de Ascanio Lopes (no prélo).

CATIMBÓ—poemas de Ascenso Ferreira.

POEMAS CRONOLOGICOS—de Henrique de Resende, Ascanio Lopes, Rosario Fusco.

CODAQUE—livro de vistas—de Rosario Fusco.

BAMBÚ IMPERIAL—de Achiles Vivacqua